



RELATÓRIO

41º Festival Nacional de Teatro
Pindamonhangaba/SP 2019

CRÍTICO: SIMONE CARLETO

DIA: 11/11/19

CATEGORIA: ADULTO

PEÇA: ANIMO FESTA

GRUPO: KLAUS EMPREENDIMENTOS ARTÍSTICOS/LA CASCATA
CIA CÔMICA

CIDADE: SÃO JOSE DOS CAMPOS SP

Luz e sombra tornam bela a trágicômica jornada do Palhaço Klaus

Por Simone Carleto¹

*O objetivo que o guiava não era impossível, ainda que sobrenatural.
Queria sonhar um homem: queria sonhá-lo com integridade minuciosa e impô-lo à realidade.
Esse projeto mágico esgotara o inteiro espaço de sua alma.
[...] No começo, eram caóticos os sonhos; pouco depois, foram de natureza dialética.
O forasteiro sonhava-se no centro de um anfiteatro circular que era de certo modo o templo incendiado [...]
O homem, um dia, emergiu do sono como de um deserto viscoso, olhou a luz vã da tarde que, à primeira
vista, confundiu com a aurora e compreendeu que não sonhara.
Toda essa noite e todo o dia, contra ele se abateu a intolerável lucidez da insônia.
(Jorge Luis Borges. As ruínas circulares.)*

O monólogo *Animo Festas*, do ator Marcio Douglas, poderia ser caracterizado como diálogo entre luz e sombra, entre ator e público. O texto autoral, com base na trajetória de Márcio Douglas como artista, traz à tona seu duplo, o palhaço Klaus, animador de festas infantis. A iluminação de Renato Jr. completa a dramaturgia do espetáculo, trazendo nuances de luz e sombra, enfatizando os

¹ Crítica do 41º Feste. Artista pedagoga (atuação e direção), mestre, doutora e pós-doutoranda em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Atriz, assessora de diversos grupos teatrais e autora de ensaios e artigos nas áreas de pedagogia, crítica e interpretação teatral.

aspectos melancólicos do anti-herói Klaus. A dramaturgia da encenação apresenta tratamento cômico para a vida trágica de Klaus e a ambienta em cenário explicitamente decadente de festas infantis. Observando criticamente, as supostas belas festas infantis, seja de ricos ou classe média, trazem um mal gosto *kitsch* irrefutável. Esse aspecto reificante de tais festas é questionado e criticado pela peça *Animo Festas*. Com humor ácido, Márcio Douglas, com Klaus em sua pele, carne, ossos, vísceras, demonstra, passo a passo, como a sociedade corrompe os seres. Esse caráter idealista da obra não impede que Márcio Douglas apresente Klaus como um trabalhador das artes, o ator-palhaço que um dia imaginou o mundo transformado pelo poder da arte. Para a empreitada, traz episódios de diferentes festas vivenciadas como palhaço, que foram paulatinamente mortificando suas esperanças.

Desde o início mostrando-se nihilista, Klaus rompe com os estereótipos do palhaço sorridente e jocoso. Sua voz grotesca e sua aparência lúgubre externam parte do obscurantismo interno de seu espírito relativamente destrutivo, ao mesmo tempo que sua ousadia em expor as mazelas humanas mais escondidas extirpa, pelo riso, indignações guardadas em face da imposição de modo de vida simulado como feliz. Isso porque a peça explicita também o modo como pessoas se sentem superiores por terem dinheiro ou posição social de poder e, a partir de premissas individualistas e egóicas, subestimam e exploram outros seres humanos. Que tipo de ensinamento tais atitudes transferem às crianças? Certamente podendo ser considerada “impróprio para menores” o espetáculo adulto aborda também o comportamento desses “pequenos cruéis” ao sabotar, bater e humilhar palhaços, assim como também costumam fazer com seus professores, muitas vezes tratados como subalternos às famílias. Após cada incursão em uma festinha “macabra”, Klaus retorna após “5 dias” como que emergindo de um fundo de poço, representando a depressão e a luta pela existência do ser diante da realidade percebida como ruptura. Nesse quadro, que lembra o expressionismo, o indivíduo cindido desconhece o exterior como realidade possível. Aprofundando essas contradições, uma espécie de radiografia revela os conflitos internos do ser em decorrência de seu contato frustrado com o mundo exterior.

Do ponto de vista da atuação como Klaus, o ator relata ter utilizado o mergulho na sombra da personalidade do palhaço e na maturidade para compor a narrativa. Márcio Douglas apresenta domínio de cena, do jogo com o público e da luz, compondo com precisão contrastes que conduzem o público do riso expansivo à busca da face do palhaço em meio a uma imagem distorcida e cadavérica, que se forma como um quadro de Edvard Munch (1863-1944), a cada vez que escuta a questão: “Palhaço, você é feliz?”. O semblante de Klaus decompõe-se na penumbra, ao som de *Ne me quite pas*, de Jacques Brel. Publicada em 1959, a canção trata de uma separação, cuja tradução

seria *Não me deixe*. Na peça, uma leitura possível, entre tantas, é que a pergunta funcionaria como um gatilho. Acionado, faz com que Klaus desça mais um degrau rumo ao encontro de suas entranhas. No retorno, carrega nas tintas que aproximam Klaus de um verdadeiro *trickster*. Com seu duplo indivisível e complexo, raiz de todas as personagens, o *trickster* torna-se capaz, em algumas situações, de demonstrar seu poder. É o que ocorre quando Klaus mobiliza bichos do submundo, no melhor estilo “ratos, entrem nos sapatos, do ‘cidadão civilizado’”, para invadir a festa das “princesinhas” da grande corporação estadunidense que se alimenta de “vidas e supostos sonhos infantis”. Klaus arremata, sarcástico: “São amigos do Mickey!”.

O que torna a obra esteticamente bela é sua característica complexa, que imbrica estrutura e conteúdo reunindo a ancestralidade do palhaço e do artista cênico. Nesse sentido, a arte popular e arquetípica do palhaço não corresponde aos ideias de beleza da estética clássica. Cria em contraponto outras referências de apreciação, ao elaborar soluções cênicas inventivas, sempre vivas, para desafios comuns da profissão. Há diversos anos na estrada em inúmeros festivais e programações, o conjunto da obra, que inclui o posicionamento ético do artista Márcio Douglas ao declarar-se absolutamente preocupado com as possíveis reverberações de sua obra, completa-se no bate-papo. Com voz agradavelmente doce e disponibilidade para o diálogo, Márcio reitera o que pudera ser percebido pelo público presente na noite de 11 de novembro de 2019 no 41º Feste: assumir o tempo de maturação e elaboração das inquietudes e depressões é o que permite ressignificá-las e atribuir a esse processo de descoberta uma forma artística a ser compartilhada. Assim, completa-se a coerência do espetáculo e da florescente carreira do artista Marcio Douglas. Evoé!